

COMUNIDADE CRISTO DE BETÂNEA: HISTÓRIA E CONSIDERAÇÕES SOBRE UM NOVO MOVIMENTO CATÓLICO EUROPEU

Rodrigo Portella *

RESUMO: Entre setembro de 2007 e fevereiro de 2008 estive em Portugal, em estágio doutoral financiado pela CAPES, com o objetivo de “espreitar” um pouco as novas sensibilidades religiosas européias. Encontrei, em Portugal, a Comunidade Cristo de Betânea. O objetivo deste artigo é apresentar a história e pinçar características deste novo movimento religioso português. Aqui apresento alguns apontamentos do diário de campo da pesquisa. Livre da obrigação de constantemente pontuar o relato através de cotejamento bibliográfico, procuro, de forma descritiva, visibilizar idéias, perspectivas e peculiaridades deste movimento religioso luso.

PALAVRAS CHAVE: carismáticos, catolicismo português, novas sensibilidades religiosas.

ABSTRACT: Between September 2007 and February 2008 was in Portugal, funded by CAPES doctoral training, aiming to "look" a little the new European religious sensitivities. Found in Portugal, the Community of Christ Bethany. The aim of this paper is to present the history and characteristics of this new clamp Portuguese religious movement. Present here some notes of the diary of research. Free of the obligation to constantly punctuate the story by collating literature, looking, so descriptive, visualize ideas, perspectives and peculiarities of Portuguese religious movement.

KEYWORDS: charismatic, Portuguese Catholicism, new religious sensitivities.

Introdução

Apresento a seguir um pouco do desenvolvimento histórico da Comunidade Cristo de Betânea (CCB, adiante) e suas características enquanto grupo religioso¹. Chamo a atenção, no entanto, para a dificuldade em re-constituir a história e mesmo a organização deste grupo. Não há material didático e sistemático que proporcione uma historiografia mais detalhada, e mesmo as fontes vivas, como a própria fundadora do movimento, têm

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Área de Concentração: Ciências Sociais da Religião)

1As informações sobre a CCB decorrem de entrevista com Hercília Pinto; observação participante em eventos da CCB; conversas informais com membros da CCB; consulta à revista Jesus Vivo e a outras edições, de cunho devocional, patrocinadas pela CCB.

dificuldade em organizar uma narrativa sistemática e mais racionalizada sobre o mesmo. Isto já significa algo: grupos cuja espontaneidade do Espírito Santo (ES, adiante) é senhora, ainda resistem a uma racionalização burocrática de sua história e experiências.

Os objetivos do artigo são os de visibilizar como surgem, no seio da Igreja Católica contemporânea, novos grupos religiosos (comunidades de aliança e/ou de vida) afinados a gradiente ligado às sensibilidades encontradas a partir da Renovação Carismática Católica (RCC, adiante); mais, pois visa observar tal surgimento em uma sociedade em que as sensibilidades da RCC ainda são incipientes, e em que o catolicismo ainda tem um corte mais ligado a práticas e estruturas tradicionais, como se apresenta, de forma geral, o catolicismo na sociedade portuguesa; perceber como se estrutura um novo movimento religioso ligado às sensibilidades da RCC no âmbito da Igreja Católica portuguesa, pinçando suas características que se coadunam com as da RCC e aquelas que fogem ao estilo e configurações da RCC, isto é, apresentando-se como originais ou, mesmo de certa forma, conflitantes com as sensibilidades e projetos religiosos da RCC; e, finalmente, descrever, através de uma inserção de pesquisa de campo, a partir da etnologia e de uma compreensão socioantropológica, as práticas, discursos e vivências no interior do grupo.

O presente texto pretende levar à discussão sobre a questão do lugar e do modo de pertencimento à Igreja, em suas afinidades e tensões/conflitos, dos novos grupos religiosos comunitários que surgem no interior do catolicismo. Como tais grupos, como a CCB, se integram ou não à Igreja? Quais conflitos pontuam a relação entre novas comunidades católicas e a instituição Igreja Católica? Quais são as idiosincrasias, as contribuições novas, as continuidades, e as rupturas em relação ao modelo institucional da Igreja Católica? São questões que o texto abre, motivando a refletir.

1. O percurso até a CCB

A Comunidade Cristo de Betânea é uma Comunidade de Vida e Aliança surgida em Portugal entre os anos 80 e 90 do século 20. Tem como fundadora e líder a Irmã Hercília

Pinto, senhora de uns 68 anos, ex-professora e ex-membro da Ação Católica, nomeadamente da JUC, e ex-membro de Grupos de Oração Carismática da Renovação Carismática Católica de Portugal. Hercília reside na cidade de Braga, que fica, por sua vez, na circunscrição eclesiástica da Arquidiocese de Braga, norte de Portugal, circulando Hercília, em seu trabalho, entre as cidades de Braga e de Vila Nova de Famalicão, lugar de origem de sua família, e Fátima, lugar em que a CCB possui uma casa de encontros.

Hercília, que desde os anos 70 já era leiga consagrada num instituto secular, ligado à Arquidiocese de Braga, iniciou sua participação em Grupos de Oração da RCC na década de 70, portanto, logo no nascedouro da RCC. Em 1977, uma “irmã” do grupo de oração carismático a que pertencia lhe disse que era necessário avançar a uma Comunidade de Vida, nos moldes da primitiva comunidade cristã. A repetição da “advertência” viria no ano seguinte. Hercília, então ligada formalmente à RCC, descreve que em vários encontros o Pe. José da Lapa, mentor e líder do RCC português, enfatizava a necessidade de algumas pessoas formarem uma Comunidade, transcendendo, assim, ao Grupo. Hercília conta que “nunca pensou em comunidade. Mas a coordenadora do grupo [de oração] disse: ‘vai ter alguém que aprofunde a vivência das primeiras comunidades e depois ajude os outros a viver’”. E Hercília se se sentiu investida em tal missão. O líder carismático, conforme Weber (1991, p. 158), pode ser legitimado por eleição, vocação, treinamento, nascimento ou revelação. Aqui, no caso, eleição, vocação e revelação fundem-se na narrativa. O profeta reclama para si, mais que o sacerdote, uma vocação “pessoal”, íntima, singular, em virtude de revelação ou carisma. E assim, de vaticínio em vaticínio, de profecia em profecia, “o Espírito Santo foi irresistível no que tinha para nós”.

Em 1982 um seminarista, um casal e Hercília, como líder, iniciaram a vida em conjunto, configurando, assim, as sementes do projeto exortado no seio da RCC. Nesta época o grupo configurava-se, porém, como Comunidade de Aliança. A inspiração veio de modelos de comunidades carismáticas francesas visitadas, como a *Leão de Judá e do Cordeiro Imolado*. Em 1990 a Comunidade constituiu-se como Comunidade de Vida consagrada, fixando a sede na freguesia semi-rural de Telhado (Vila Nova de Famalicão), na casa que pertencia à família de Hercília, agora adaptada e aumentada. Ali passam a

conviver comunitariamente 6 pessoas. Porém, foi somente a partir de 1998 que a CCB conheceu aumento de vocações e a partir de 2000 que se expande para África (Cabo Verde e Moçambique), Timor Leste e Brasil.

A CCB tem um símbolo iconográfico próprio. Constitui-se de um círculo vermelho, sendo mais amarelo ao centro, com as figuras entrelaçadas e estilizadas de uma cruz, um cordeiro e uma pomba. O símbolo remete a Jesus através da cruz e do cordeiro, e ao ES pela pomba, marcando a ligação carismática, ou pentecostal, do Grupo, ainda reforçada pelo vermelho do fogo do ES.

A CCB é, hoje, uma Comunidade de Vida e Aliança (de direito diocesano) que congrega pessoas consagradas, com votos, vivendo em comunidade, e casais aderentes, vivendo a espiritualidade do Grupo nos lares e em missões comuns a todos. Seu governo estrutural é assim formado, abaixo do bispo que a supervisiona: um moderador geral (a fundadora, Hercília) e um conselho formado pelos moderadores locais, ou seja, de cada casa ou de cada tarefa específica (louvor, aconselhamento, evangelização, etc). A sede do Grupo é em Telhado, freguesia semi-rural da cidade de Famalicão, distante de Braga cerca de 25 minutos em trem parador, e pertencente à Arquidiocese de Braga.

A casa mãe de Telhado é simples. Compõe-se de refeitório, cozinha, salas e vários quartos. No andar de baixo há uma capela muito simples, sem bancos e com o santíssimo sacramento exposto continuamente. No andar de cima se encontra um salão-capela para as celebrações com o público, aos sábados. Há pequena horta, já que a casa, em sua área, constitui um pequeno sítio. A comunidade tem um estatuto próprio, aprovado pelo arcebispo de Braga em 1994, e um livro de vida. Ambos são vedados à consulta a pessoas exteriores à comunidade. Isto, certo, não parece ser legal, pois em princípio a CCB não é uma sociedade esotérica. Porém, na prática, dificulta-se ao máximo que pessoas não ligadas à comunidade possam ter acesso aos estatutos.

A missão, ou o carisma da CCB, se desdobra em: 1) nova evangelização, através da venda de livros, da revista *Jesus Vivo*, e, principalmente através da “compaixão”. 2) compaixão, compreendida como aconselhamento, escuta e direção de pessoas com problemas “psíquico-espirituais”. Tal atendimento de aconselhamento é franqueado via

telefonias (nos livros, revistas e folhetos são disponibilizados telefones para aconselhamentos, feitos pelos membros do Grupo). 3) Adoração ao santíssimo sacramento, música, louvor, cura e libertação. Estes são, digamos, outros braços do aconselhamento, pois o tal também é concebido em termos espirituais, no sentido de cura e libertação de problemas psíquico-espirituais por meio da oração, adoração, imposição de mãos. Neste sentido a outra ênfase é a cognitiva, ou seja, através de *Seminários de Cura Interior e Sentido de Vida*, ministrados em fins de semana, em quatro ou cinco blocos diferentes (cada bloco em um mês diferente). Nos seminários há aprofundamento bíblico sobre o sentido da vida, sobre os desejos do homem e de Deus, sobre o porquê as pessoas ficam doentes, depressivas ou com sentimentos suicidas. Há, conforme Hercília, uma explicação de como funciona a pessoa. Durante o fim de semana das palestras as pessoas vão pedindo perdão e buscando a cura. A adoração ao santíssimo sacramento, e o louvor, têm sido importantes como fonte de cura, segundo a fundadora. A cura, segundo Hercília, é psicológica-espiritual, através de uma revisão de toda a vida da pessoa. O número de pessoas que participam destes eventos varia entre 50 a 100 pessoas.

2. Dimensões da CCB

O raio de ação da CCB está concentrado praticamente entre Famalicão, onde há a casa mãe na freguesia de Telhado, e Braga. A distância entre as duas cidades é curta (25 minutos em trem parador) e pertencem à mesma arquidiocese (Braga). Para além deste pólo central, há outros pólos de atuação em Fátima (onde há uma casa de encontros da CCB). Neste caso é preciso dizer que Fátima, em Portugal, traz a si representações dos mais diversos movimentos eclesiais. Fora de Portugal, há uma casa em construção no Brasil, em Arapiraca (Alagoas), em que está uma irmã portuguesa a atuar, além de casas (uma em cada lugar) em Cabo Verde, Moçambique e Timor Leste (todas em construção). Nestas casas no exterior também se oferecem os mesmos trabalhos da casa mãe em Portugal, ou seja, reuniões regulares de louvor, cura e libertação, adoração ao santíssimo sacramento, palestras de pessoas ou padres ligados ou simpáticos ao tipo de espiritualidade da CCB, retiros de cura e libertação, festivais sazonais de louvor. É interessante notar que,

contabilizando, há mais casas da CCB fora de Portugal do que em solo português, onde, de fato, há apenas duas casas comunitárias. Isto é significativo também quando se percebe, em olhar na observação participante (já que a fundadora diz não dispor de dados estatísticos ou mesmo não se importar com números) que, pelo menos, metade dos membros, ou talvez mais da metade, são oriundos de países lusófonos que não Portugal. Ou seja, há bom número de timorenses e africanos, embora poucos brasileiros, pois a informação que tenho é que só há dois brasileiros efetivamente - ou seja, no processo de formação comunitária - no movimento, um deles estando em Portugal.

O Brasil, por ser terra fértil quanto ao surgimento de novos movimentos religiosos católicos, ligados ou não à RCC, talvez seja um lugar de grande concorrência entre movimentos eclesiais novos, explicando assim as poucas vocações específicas. Outra questão é o lugar onde a CCB foi se instalar no Brasil, no interior de Alagoas, em Arapiraca. Normalmente o nordeste brasileiro tem sido considerado lugar de poucas vocações religiosas, ainda que seja a região mais católica, percentualmente, do Brasil. Então, por que Arapiraca? Seria logisticamente o melhor lugar? A CCB está longe de ser uma unanimidade simpática para clero e para o arcebispo de Braga. Geralmente, um novo movimento eclesial, para instalar-se noutro país, precisa de referências hierárquicas. Portanto, é possível que a CCB não tivesse muitas referências a oferecer para se instalar no Brasil. Porém, Hercília é conhecida do bispo da Diocese de Penedo, em que se situa Arapiraca, e, a partir deste conhecimento e possível amizade, foi feita a proposta e convite para a CCB se instalar em Arapiraca, Alagoas.

3. Revista *Jesus Vivo*

Além de livros, o meio midiático de evangelização mais conhecido da CCB é a revista *Jesus Vivo*. O nome já é um programa, comum à RCC, ou seja, destacar um Jesus vivo e atuante em contraste com um Jesus da Paixão e da religiosidade popular portuguesa. A revista tem como conteúdo artigos assinados por Hercília Pinto, por um ou outro membro da CCB, por algum convidado, ou retirados de outros meios de comunicação, muitas vezes sem menção das fontes. Há, no início, sempre uma mensagem de Hercília. Segue-se a isto

uma colagem de várias notícias que ocorrem na Igreja Católica, todas também sem citação das fontes. Existe uma seção de cartas e, avante, estão os artigos propriamente ditos, sempre ilustrados com fotos coloridas. São artigos de fácil leitura e, nas revistas a que tive acesso, contemplam temas do carisma da CCB, assim como temas atuais e “quentes” na Igreja. Por exemplo: “Deprimidos: como ajudar?”; “Sacrário: pólo de atração”; “Educação de crianças”; além de artigos referentes ao aborto, família e evangelização. Há também um grande espaço para relatar os acontecimentos relativos a CCB, as missões no exterior, a divulgação de seus seminários e também páginas devocionais, com orações. Enfim, há uma passagem onde se referem todas as leituras litúrgicas das missas do mês e a página de propaganda dos artigos da CCB. Embora a tiragem seja de 3.500 exemplares, não tive acesso ao número de assinantes.

O conteúdo dos artigos reflete uma teologia tradicional, sem extremismos de qualquer parte, bem comportada. Mas, aqui e ali, com referências próprias à linguagem e ideários carismáticos. Parece ser uma revista dirigida para entretenimento catequizador a um público interno à Igreja e, talvez, interno também à CCB em grande parte.

4. Conhecendo adeptos e “hábitos”

Os adeptos postulantes, noviços e professos da CCB usam o prenome de “frei” para os homens e “irmã” para as mulheres. Hercília Pinto objetiva sua comunidade religiosa de consagrados e colaboradores, contemplativa e de ação. Contemplativa porque homens e mulheres consagrados (e em alguns casos mesmo casais) convivem num mesmo ambiente, as casas-conventos, numa disciplina diária de adoração ao santíssimo sacramento, oração da Liturgia das Horas e trabalho manual. E ativa porque de fato os membros saem às ruas, à feira ou livraria para vender os produtos da CCB, ou para escutarem pessoas, para evangelizar através de Seminários (como os de Fátima) ou dos sábados de louvor aberto à comunidade exterior. Para caracterizar este sinal monástico-ativo, existe um hábito, igual para homens e mulheres, cujo uso é facultativo, mas recomendado. A razão do hábito é que, segundo Hercília, a sociedade de hoje precisa de “sinais chocantes”. O hábito compõe-se de

túnica branca com escapulário e capuz azuis (no caso das mulheres, véu e escapulário azuis). Sendo que escapulário azul mais claro para os noviços, e azul mais escuro para os membros de votos definitivos, ressaltando o compromisso maior para quem faz as promessas finais². O branco está a simbolizar a esperança e ressurreição, e o azul a escatologia e o céu. Usam sandálias castanhas simbolizando os “pés na terra”.

Há, no ideário da CCB, uma volta às origens católicas, referenciadas em vestes e costumes católicos de antanho. Muitas Comunidades de Vida, ligadas ou não à RCC, prescindem de hábitos, isto é, peça do vestuário religioso com raízes e ligações com épocas medievais. Mesmo as congregações religiosas católicas (masculinas), surgidas após o Concílio de Trento (século 16), aboliram o hábito nos moldes medievais (como, por exemplo, os adotados pelos beneditinos, franciscanos, dominicanos, servitas, mínimos, carmelitas, todos surgidos no medievo). Adotavam, congregações pós-tridentinas, batinas, ainda que diferenciadas das seculares-diocesanas por algum detalhe nas tais³. Assim, por exemplo, com jesuítas, redentoristas, verbitas, salesianos, dentre outros. Ora, voltar a usar hábitos segundo os modelos pré-tridentinos, portanto medievais, é um fenômeno que surge em maior grandeza, senão em exclusividade, em tempos recentes na esteira de novos movimentos eclesiais, notadamente alguns surgidos sob o sopro da RCC. A CCB interpreta que, por ter caráter inspiratório “monástico”, era preciso reinventar um hábito de estilo medieval, para conformar-se à espiritualidade que reivindica. Nota-se aí uma identificação entre visual e performance estilística com propósito de vida, em que o hábito faz o monge.

² Os votos são os compromissos (promessas) assumidos, pelos religiosos católicos, de pobreza, castidade e obediência, tendo, habitualmente, duas etapas: compromissos temporários, renováveis a cada ano ou período superior de tempo; e votos (compromissos) definitivos, não renováveis.

³ O hábito é a vestimenta talar (eclesiástica) usada pelos padres de vida regular, ou seja, que congregam comunitariamente em determinada organização eclesiástica católica, como as citadas no texto, convivendo em conventos ou residências. As congregações ou ordens que abrigam o clero regular se diferenciam do clero secular por, por exemplo, seus membros assumirem as promessas (votos) religiosas (castidade, pobreza e obediência) e por se referenciar em constituição interna própria, conforme o carisma e objetivos da congregação religiosa a que pertencem. As Comunidades de Vida, por sua vez, surgidas a partir de década de 70 do século 20, têm características semelhantes às das congregações religiosas, porém sendo, em sua maioria, associações de leigos (não clérigos) e prescindindo de vestes eclesiásticas.

Não há uma reflexão sobre a possibilidade de ser contemplativo sem ter que, necessariamente, recorrer ao baú de vestuários da Igreja. A questão que coloco, portanto, não é a do hábito em si, usá-lo ou não. Mas de identificar uma missão com um simbolismo têxtil de eras passadas. Ou seja, de ancorar o simbólico no passado, idealizando-o e o refazendo-o aos modernos.

A opção por um estilo estético contracultural pode ser visto como uma ruptura de contraste, de divergência, tanto em relação à sociedade como quanto à Igreja, ou a certos modelos eclesiais. Assim, nesta opção há uma ruptura “implicando crítica ao mundo exterior (...) a assumir uma nova identidade, divergindo das demais pessoas pelo uso de vestimentas próprias” (GUERRIERO, 2006, p. 29). Afinal, “a pessoa constrói-se na e pela comunicação” (MAFFESOLI, 1999, p. 310), Faz parte, assim, de sensibilidades (pós) modernas o “vibrar por meio de imagens, gozar, nem que seja de maneira relativa, do mundo tal como ele é: eis as grandes características de uma ética da estética” (MAFFESOLI, 1995, p.146). “Não só a arte, o esporte, a política, se dão como espetáculo, mas também a religião” (CARVALHO, 1999, p. 149). E, sem dúvida, o vibrar comunicacional da imagem traz à tona o tema da *militia Christi*. “A estética da imagem corresponde à sua função dinâmica, a de fazer experimentar juntos emoções e, com isso, fortalecer o corpo social que é seu portador” (MAFFESOLI, 1999, p. 346). Comprazer-se com a aparência, ter nela uma finalidade, um ato, fazer dela uma ontologia, leva a um paradigma estético (MAFFESOLI, 1999, p. 156).

É verdade, como diz Hercília, que o hábito “choca” este mundo. Entende-se que seja talvez uma boa estratégia “chocar” visualmente para chamar a atenção ao Evangelho, à Igreja, à Jesus. Mas a questão é: com o que se choca e a que remete este choque? Não, por exemplo, a um Jesus e Igreja de uma Teologia Liberal ou de uma Teologia da Libertação. O efeito visual deste choque tem endereço, e lembranças, certas: uma Igreja medieval, um dossel sagrado, uma sociedade cristã, a cristandade medieval. O meio é a mensagem. Se tal máxima é certa, a moda medieval, rediviva, dá sua mensagem inequívoca: bons eram os tempos de outrora, a ele voltemos. À nossa maneira também nova, mas voltemos. Como

observa Costa (2006) em sua análise de novos grupos eclesiais, certos grupos religiosos desenvolvem a criação e a vivência de uma heterotopia. Mas, no caso da CCB, nem tão heterotopia, mas homotopia, ou seja, o esforço por fazer que aquele mundo construído ou reconstruído seja o único mundo possível e vivenciado pelos seus adeptos, ao menos os internos.

Ainda há de se destacar a importância do prenome “frei” neste contexto. Certa vez, quando despedi-me, em Telhado, de um noviço, o chamei de irmão, e ele prontamente corrigiu-me: “frei”. Não foi um ato furtivo. Embora também nas novas congregações surgidas a partir da Renascença não se usasse mais a nomenclatura “frei”, mas irmão, os membros da CCB preferem se distinguir pela alcunha medieval, diminutivo aportuguesado do latim *fratrum*, ou *frater*, em italiano abreviado para “*fra*”. Ou seja, faz-se questão de construir e demonstrar uma identidade decididamente ligada à imagem do monge medieval, de uma Igreja e vida religiosa utopizada no passado de suas insígnias, símbolos e linguagens. Afinal, a linguagem constrói em muito a auto-identidade, seja verbal ou simbólica (ORLANDI, 1987 ; 1996).

5. A libertação: entre a narrativa carismática e a “científica”

Aqui é preciso parar para algumas observações. A primeira é o caráter cientificizante que se dá à questão dos problemas “psíquico-espirituais” na CCB. A junção psicologia-espiritualidade aponta para um diálogo que se quer com o mundo moderno na compreensão, e superação, de mazelas como depressão e angústia, por exemplo. É, também, uma forma da CCB se empoderar de um *status* mais científico. Nesta hibridização, os problemas e soluções são abordados dentro de uma perspectiva holística, numa explicação do que é o ser humano, do sentido da vida, da origem dos males e de sua libertação. A perspectiva cognitiva na elaboração das questões e encaminhamento para soluções aproxima-se dos grupos religiosos que percebem doença e cura como dependentes do conhecimento, ou melhor, do auto-conhecimento, avizinhandose, assim, a grupos da Nova Era e ao conceito de auto-ajuda (AMARAL, 2000 ; TAVARES, 2003). A perspectiva

da revisão de vida nos lança a uma comparação com métodos da psicanálise, aliás, já batizada carismaticamente, particularmente com o Pe. Marcelo Rossi, em seus programas radiofônicos em que, como terapeuta, sugere uma verdadeira *anamnese* até o ventre da mãe para a libertação de males e obtenção da paz. E a cura ladeada pela adoração ao santíssimo sacramento, louvor, oração, remetem direto ao próprio coração da RCC. Enfim, há um amálgama cristão que usa de metodologia e linguagem da psicologia e psicanálise, sob a estrita transmutação cristã, para legitimar um propósito de evangelização e cura numa sociedade que, pós-tradicional ou pós-moderna, assente à bricolagem das linguagens e suas inauditas criações (MAGALHÃES ; PORTELLA, 2008). Neste caso é interessante a auto-definição da CCB num dos artigos de sua revista, onde é dito que a CCB procura anunciar Cristo “no contexto da cultura pós-racionalista” (Jesus Vive, nº 108, p. 13). Ela mesmo se mostrando, digamos assim, pós-racionalista ou pós-moderna, procura realizar sua missão.

6. O Espírito Santo não é um burocrata, mas também não é um anarquista

Hercília, assim como os irmãos, fogem de números. Não têm certeza ao certo de quantas pessoas consagradas ou em vias de consagração integram a CCB. Mais uma demonstração do não calculismo racionalizante, numa atitude anti-moderna, em que se experimenta o ES como a gratuidade de Deus, sem cadernos de contabilidade. Este é o discurso oficial. Tal recusa ao cálculo racionalizante pode ser interpretado como reação à ditadura da racionalidade, do instrumentalismo e cálculo na sociedade moderna, visando uma revalorização do místico, do imponderável (SANTOS, 1993, p. 17). Também é possível que, por ser um movimento pequeno ainda, prefira-se calar e olvidar números mais exatos. Depois de muito insistir de várias formas, foi Hercília que, “puxando pela memória”, deu “mais ou menos” os números, meio a contra-gosto: professos definitivos seriam uns 12, conforme Hercília, e ainda 6 noviços e cerca de 30 postulantes. Ainda haveriam outros tantos em tempo de experiência e conhecimento. Homens e mulheres por igual percentualmente, segundo Hercília. O nível sócio-econômico parece ser o de classe

média baixa ou mesmo pobre entre os membros, no último caso principalmente entre os que vivem em comunidade de vida com votos.

Não há um estudo formativo específico durante o tempo de preparação. Conforme Hercília “os carismas é que vão mandar”. Quem decide sobre possíveis cursos aos adeptos é o Conselho Geral, pois ao entrar na comunidade os membros “entregaram suas vontades à missão do Grupo”. Antes eu havia perguntado para Hercília se, por exemplo, uma pessoa que quisesse estudar medicina poderia fazê-lo. Ela disse que não, pois a comunidade tem um carisma específico, sendo necessário estar sob ele e não se desviar dele, e que portanto os membros também entregam desejos deste tipo, despojando-se deles, para seguir o carisma específico da adoração, evangelização, ausculta das pessoas e aconselhamento, louvor. Goffman (1987, p. 42), quanto a este ponto, ao analisar instituições totais, chama a atenção para o fato de que nelas se fomenta e induz à perda da autonomia e de uma identidade forjada em autonomia. Para Goffman (1987, p. 48), entre os religiosos pode existir um “desejo voluntário de perder a decisão pessoal”. Esta decisão pessoal é trocada, ou doada, com a/ao líder. Contudo, quando Hercília falou da Casa de Fátima, em que acontecem os Seminários de Cura e Libertação, ressentiu-se de não haver na CCB pessoas internas ao Grupo mais preparadas para o atendimento, como psicólogos e médicos.

Há, evidente, uma contradição no discurso. Não seria o incentivo ou, ao menos, a concessão para preparação dos membros para tais funções uma ajuda ao carisma do Grupo? A questão, no entanto, parece ser outra, a mesma de grupos ligados a um líder específico: o do controle carismático. O profeta é quem dá a palavra final (ainda que em conjunto com o Conselho, de caráter, ao que parece, mais informativo à líder). Há uma desconfiança de toda atividade acadêmica não religiosa, secular. O temor do espaço acadêmico, como suscitador de dúvidas e questionamentos (MIRANDA, 1999, p. 49), é uma constante em novos movimentos carismáticos. O conhecimento teórico-científico pode ser um meio de confundir ou questionar a experiência. A desconfiança é particularmente maior em relação àquelas disciplinas mais científicas e pouco religiosas talvez, como psicologia e medicina. Sim, o discurso do grupo é, se posso expressar-me assim, pseudo-científico, com sua idéia central de doenças psíquico-espirituais, juntando linguagens e conceitos, normalmente,

distintos. Há psicólogos e médicos cristãos, simpáticos ao Grupo, que prestam acessoria e mesmo palestras nos Seminários de Fátima. Mas é preciso controlar o que nasce dentro do Grupo e, mais, o que pode trazer para dentro do Grupo alguém a estudar algo fora dos limites de controle do Grupo, em ambientes diferentes e mesmo contrapostos.

7. Universidade do Espírito Santo: o diploma assinado por Deus basta

A CCB, portanto, manifesta semelhante suspeita sobre estudos acadêmicos de seus membros, embora que não os proíba. Mas só em casos especiais os permite abertamente. Há, portanto, uma suspeita de que conhecimento acadêmico não controlado eclesialmente possa ser nocivo, ao membro e ao grupo, desviando da missão precípua. Mas é realmente paradoxal o caso da CCB, pois há uma reclamação de sua fundadora de que poderia haver pessoas mais velhas, de melhor formação no Grupo. E a própria Hercília enverga títulos universitários. A questão, portanto, não é tanto uma rejeição tácita a qualquer formação acadêmica formal, mas um temor do que, principalmente entre jovens iniciantes, uma formação não controlada sob a égide eclesial poderia suscitar. Porém é franqueado aos membros da CCB estudarem Teologia. Ora, Teologia sob às vistas clericais e o báculo episcopal, não há de fazer tanto mal. E a CCB pretende ter sacerdotes. Já há um membro formado em Teologia, mas que ainda não ordenou-se, dado que o Instituto é de Direito Diocesano e, portanto, o sacerdote da CCB teria que estar à disposição da Diocese, para uma paróquia qualquer. Contudo, a CCB quer ter sacerdotes sob seu comando, para suas missões específicas e, isto, somente pode concretizar-se após o Instituto adquirir novo *status* eclesial, ou seja, de Direito Pontifício. Há, ainda, uma irmã e dois freis a estudarem Teologia na Universidade Católica de Braga.

No campo litúrgico, destaca-se, na CCB, a adoração ao santíssimo sacramento. Tal adoração é mote contínuo e eficaz de quase todos os movimentos de cunho carismático e de forte tendência católica, que identificam a hóstia consagrada, o Cristo real presente, como fator distintivo entre católicos e não católicos, como meio de afirmação inequívoca de catolicidade e como devoção máxima da Igreja. Para Sanchis (1986, p. 6) o conceito nuclear a unificar e identificar o catolicismo está no sacramento. Para que haja força

religiosa ela precisa experimentar a objetivação, fixando-se em um objeto sagrado ou que se torna sagrado (SANCHIS, 2003, p. 43-44), que, no caso da Igreja Católica é a eucaristia, em seu ápice de objetivação sagrada. Assim a CCB, com sua centralidade eucarística, quer se distinguir como um movimento inequivocamente e centralmente católico.

A CCB tem, como meio midiático, senão uma Editora enquanto tal, ao menos um selo Editorial, e edita, através dele, suas publicações. Publicam-se livros de sua líder, folhetos, revistas, camisetas, lembranças, CDs. O diálogo com a modernidade se dá de forma especial através dos meios de comunicação para visibilizar sua mensagem. Dialogando ou sendo crítico à modernidade, fato é que o relacionamento dos novos movimentos religiosos, mesmo os fundamentalistas ou integristas com a modernidade se dá via modernidade, ou através de meios modernos com a modernidade (COSTA, 2006, p. 32).

Quanto à questão da sustentação financeira, a CCB depende, para sua sustentação, de doações externas. Para isso edita revista, livros, folhetos, CDs para venda, tem sócios simpatizantes em Portugal e no exterior, que contribuem livremente para as atividades do Grupo, como apadrinhamento de missão no Brasil e em África ou Timor, bolsas de estudo para estudantes de Teologia, sócio amigo, assinatura de revista, etc. Interessante é observar que quanto à gestão econômica faz-se referência constante à Providência Divina, através da contribuição das pessoas, para a manutenção do Grupo. Mas é realmente estranho – excetuando-se de fato a intervenção dos céus – que a Comunidade se mantenha só com ofertas, vendas de livros e sócios beneficentes. Cito o exemplo da revista *Jesus Vive*, publicada desde 1991. É uma revista bimestral, com ótimo acabamento gráfico, com muitas fotos em cores e com 34 páginas. Penso que somente a sustentação de uma revista bimestral deste porte, com tiragem de 3.500 exemplares por edição, já é bastante para esvaziar cofres dependentes tão somente de assinaturas e doações diversificadas para outras atividades. A CCB também tem um selo editorial, Edições Cristo de Betânea, onde publica livros de Ir. Hercília – a maioria - e alguns outros autores pontuais. Ora, os livros, edição e impressão, também são custeados pela CCB. E nenhum é *best-seller* para justificar os gastos, geralmente altos, editoriais. De que cofres chegam o dinheiro para o pão de cada dia, para a luz, para impostos, gasolina... e para as publicações. Onde quero chegar? É difícil

contentar-se com a explicação de que só de contribuições vive a obra. É possível que outras fontes de renda haja, mas omitidas e bem guardadas.

8. Sal da terra e luz do mundo através da modernidade: não tão longe do secular

As atividades regulares da CCB podem ser enumeradas da seguinte forma: 1) reunião de “louvor, cura e libertação e adoração do santíssimo sacramento”, na Casa Mãe em Telhado, Famalicão, no terceiro sábado de cada mês, de 9h30 às 13h00; 2) barraca de artigos religiosos na feira de Famalicão, às quartas, entre 9h00 e 15h00, onde os membros também se dispõem a orientar e aconselhar as pessoas; 3) Adoração do santíssimo sacramento na Capela Santo Antônio, em Famalicão, às quartas, entre 16h00 e 18h00; 4) Adoração ao santíssimo sacramento na Capela da Lapa, em Braga, de 17h00 às 19h30, às quintas; 5) Plantão de irmãos na pequena livraria em Braga, que praticamente só vende livros e folhetos editados pela CCB; 6) Seminários de “louvor, cura e libertação”, celebrados na Casa em Fátima (cujo nome oficial é Casa Paulo VI). Neste caso, como já relatado acima, em Fátima são seminários de dois ou três dias, já que a Casa dispõe de hospedagem. Geralmente um padre é convidado a proferir palestra, e Hercília e uma psicóloga ligada à CCB administram nestes encontros um curso sobre as origens do mal psíquico-espiritual e a libertação dos mesmos. O conteúdo destes cursos pode ser encontrado, de certa forma, nos livros de Hercília. No final destes retiros seguem-se orações de cura interior e, não raro, fenômenos de pessoas a cair e a “manifestar o mal” até então reprimido, mas presente; 7) “Festival Cristão de Verão”, uma vez ao ano, durante, 3 dias em Fátima, sempre no mês de agosto, verão europeu. Danças, bandas e teatros ou bibliodramas são apresentados. Palestras, adoração e libertação são ministradas.

É preciso que se frise que nenhuma destas atividades é cobrada. Quando há pernoites e refeições, somente estas são cobradas, a preços relativamente em conta.

Quanto ao Festival Cristão de Verão, está, é claro, na esteira dos mega-eventos, sobretudo para jovens, que os vários movimentos ligados à RCC promovem. Numa substituição, num sucedâneo em relação aos eventos de arte e música seculares,

principalmente os dirigidos a jovens, a CCB também oferece o seu evento particular, durante 3 dias de agosto, em que se organiza um “prenúncio do céu na terra” (Frei António), com muita alegria, bandas, ministração de louvor e teatros bíblicos, além das palestras de evangelização, adoração e missa. Carranza (2006, p. 75) caracteriza tais eventos mega-religiosos como “espetacularização” e “personificação” da fé e religião. Tais eventos, com bandas, danças e teatros mostram a capacidade de novos movimentos religiosos sacralizarem o profano (BENEDETTI, 2006, p. 132). Nada, portanto, diferente dos movimentos congêneres da RCC. Há, neste ínterim, uma certa padronização, em que elementos se repetem, mudando apenas o lugar em que são feitos e a Comunidade que os promove. Para os mesmos são, também na CCB, chamados pessoas de maior eminência no circuito carismático.

De qualquer forma não se deve deixar de destacar que na CCB música e liturgia têm de ser festivas, “para proporcionar encontro real com Deus” (Frei Wilson). Observando a adoração do santíssimo sacramento na CCB e os Sábados de Louvor, Cura e Libertação, percebe-se um esforço, às vezes hercúleo, para ativar alegria nas pessoas presentes ao evento. Não posso afirmar ao certo, mas talvez por uma questão cultural, os portugueses, mesmo alguns carismáticos, são menos compulsivos na espontaneidade e em demonstrar emoções em público, sendo mais contidos se comparados, por exemplo, com os brasileiros. Não quero cair na armadilha de estereótipos de personalidades e identidades culturais, tão plurais num mesmo país. Mas chamar a atenção para o fato de que nem sempre a assembléia, em tais eventos, respondia aos efusivos sorrisos, gestos e ar de extrema alegria dos irmãos que a estava a dirigir em tais atos litúrgicos. Porém, destaca-se que a CCB dá muito valor à alegria manifesta nos eventos religiosos.

A música é importante à Comunidade. Na CCB a maior parte das músicas é nativa do próprio Grupo, pois há uma musicista ligada à CCB, Marta Pereira, que compõe para a Comunidade. As músicas da Comunidade são prescritas em estilo próprio, com tonalidade oriental, ou seja, do Oriente Médio, buscando um ritmo que resgate a musicalidade dos tempos de Jesus. Há, portanto, um padrão apontado como ideal para a música de louvor e litúrgica. Na CCB é imposto – embora não de forma exclusivista – um padrão musical

como sendo o de identidade da Comunidade. Isto porque uma outra característica da CCB é a questão judaica e ecumênica, que veremos adiante.

9. Ecumenismo, Judaísmo e Diálogo Interreligioso

A CCB tem como uma de suas metas voltar ao espírito da comunidade cristã primitiva, pois lá, na comunidade cristã primitiva, ainda marcada por traços judaicos, estaria a base da fé cristã atual. E o que mais importa a tais novos movimentos, senão voltar às origens, fontes, bases, verdades verdadeiras, onde quer que se encontrem, na Idade Média ou no cristianismo primitivo? A memória, no catolicismo, está vinculada a um passado que é aceito como um todo imutável e “fora do tempo”, que pode ser assumido em qualquer momento histórico, delineando uma auto-definição ao grupo do tipo “descendência de fé” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 87). Enfim, isto significa visualizar uma comunidade em que judaísmo e cristianismo ainda se fundiam de certa forma. Assim que, nesta *mimesis*, a CCB quer celebrar no “espírito judaico-cristão” (Frei António). Portanto, a oração dos sábados nas casas e as celebrações incluem as Dezoito Bênçãos Judaicas, cristianizadas e adaptadas por Hercília Pinto em um livro, como veremos adiante. Fala-se, inclusive, em *shabat* para estas celebrações. Portanto, as músicas procuram imitar o ritmo judaico e as letras, por vezes, fazem referências a personagens do Antigo Testamento. Também aqui há uma idealização que não vai muito além da música e do “shabat” nos sábados, pois que não há maior estudo ou mesmo vivências de práticas judaicas, ainda que transmutadas em cristãs.

A CCB também se mostra aberta ao ecumenismo entre cristãos e ao Diálogo Interreligioso. Segundo Hercília, importa “reconhecer que todo homem é irmão, independente de credo”.

Aqui faço um excuro para visibilizar uma iniciativa concreta da CCB referente à sua vocação de recuperar as raízes judaicas do cristianismo. Hercília Pinto, fundadora da Comunidade, editou um livro, usado em tais celebrações (e em outras) chamado “Dezoito Bênçãos: uma versão cristianizada em união com os nossos irmãos judeus” (Ed. Cristo de

Betânea, 2005). Trata-se de um livro ao mesmo tempo informativo e litúrgico. Na primeira parte Hercília tece considerações sobre o povo judeu, o holocausto na 2ª Guerra Mundial, as relações entre judeus e cristãos, afirmando que os cristãos, em Cristo, são todos semitas, e ainda tecendo as relações entre o Vaticano e os judeus e sobre a oração no judaísmo. Enfim, faz considerações sobre as estreitas relações entre judaísmo e cristianismo. Na segunda parte do livro, reproduz as tradicionais 18 bênçãos (petições) judaicas, com algumas modificações cristianizadas, particularmente nas últimas bênçãos-petições, que são explicitamente cristãs. As bênçãos, em ordem, são: ao Deus dos patriarcas; ao Deus todo-poderoso; pedindo santificação; pedindo conhecimento; pedindo arrependimento; pedindo perdão; ao Deus libertador; pedindo cura; pedindo boas colheitas; pedindo o regresso dos exilados; pedindo a restauração dos conselheiros; pedindo proteção contra os heréticos; pedindo misericórdia; pedindo a reconstrução do templo; dando graças ao salvador (Jesus); pedindo que Deus escute a oração; que acolha o povo que presta culto; e uma ação de graças final pela paz. As orações consistem em partes que um liturgo dirige à assembléia e outras partes (escritas em negrito) que a assembléia responde. Umhas são mais longas, outras mais curtas.

Cito, para exemplificar, uma parte de uma curta bênção (a 14), numa reinterpretação cristã da reconstrução do Templo, ou seja, uma bênção judaica contextualmente bastante histórica, que é re-interpretada assim: “Na vossa misericórdia, fazei-nos caminhar para a Jerusalém celeste, a cidade gloriosa. Conduze-nos para ela onde nos precedem na glória os apóstolos, os mártires, os confessores, as virgens, e todos os santos e santas, particularmente os nossos protetores”, ao que a comunidade responde: “bendito sejas, Senhor, na vossa glória eternamente. Aleluia, aleluia, aleluia.” Como se percebe, nenhuma menção à questão histórica do Templo, espiritualizando a questão e introduzindo na oração a nuvem de testemunhas da Igreja, porém, esquecendo-se de citar as do Antigo Testamento judeu (profetas, reis, patriarcas).

Ainda deve-se presentificar um outro exemplo quanto à abertura religiosa da CCB às demais religiões, que se dá muito mais pelo ideal do que pela prática. Na revista *Jesus*

Vivo, da CCB, encontrei, nos números 104 e 106, reportagens informativas, retiradas de enciclopédias e outras fontes “neutras”, sobre o Xintoísmo e o Xiismo islâmico. O mais surpreendente é que não havia nenhuma refutação, orientação de diferenciação ou crítica às religiões ali expostas. Com o rigor científico das fontes donde foram retiradas as informações, apenas apresentava-se, ao nível de cultura geral ou curiosidade, aquelas religiões. Ora, sendo o objetivo da revista o de evangelizar, conforme informado, talvez fosse natural algum destaque final sobre possibilidades de diálogo ou diferenças entre cristianismo e aquelas religiões, Mas o que se fez foi uma apresentação neutra, objetiva e, aparentemente, sem um porquê ou finalidade específica. Isto revela, por um lado, algo raro em movimentos eclesiais renovados: um respeito pelas demais religiões, numa exposição delas, na revista oficial do Grupo, sem pretensões subliminares. Mas por outro lado revela uma falta de perspectiva, objetivo e método no ecumenismo e diálogo inter-religioso que a CCB valoriza. Afinal, a militância nestas áreas exige posições e, é claro, diálogo, o que não se vê numa despreziosa exposição, quem sabe anúncio grátis, de uma outra religião numa revista católica de tendência carismática. A própria falta de uma ação prática no terreno ecumênico demonstra que, assim como o aconselhamento e a proximidade à cultura judaica, a CCB, também no campo ecumênico, vive mais de ideais e idealizações de si do que da vivência rotineira de suas metas.

10. CCB, RCC e hierarquia católica: relações em busca de explicação

A CCB não pertence e não tem laços formais com a RCC. Porém a maior parte dos membros vêm do RCC e há afinidades eletivas e fenômenos que são muito próprios à RCC no Grupo. Como entender, então, este contra-discurso que evita separar a Comunidade da RCC?

Hercília tem uma de suas raízes na RCC e participou, enquanto nele atuava, em Grupos de Oração. Justamente quando participava de um Grupo de Oração foi que recebeu ou acolheu o chamado por para formar uma Comunidade de Vida aos moldes do cristianismo primitivo, narrado em Atos dos Apóstolos (At.2). A CCB nasce, portanto, do

rio da RCC, ou, no mínimo, de alguma querela de separação com a RCC. Como vimos, há muitos aspectos carismáticos na RCC. Porém, Hercília, e também Frei António, são enfáticos em dizerem que são movimentos distintos, RCC e CCB, não havendo qualquer tipo de laço entre ambos. Perguntada se a CCB não teria ao menos um laço afetivo com a RCC, Hercília diz que tal laço é somente dela, mesmo assim no início. E é enfática em dizer que, dos membros da CCB, não há quase ninguém oriundo da RCC. Quando exponho que nas reuniões do Grupo também se manifestam fenômenos típicos da RCC, Hercília explica que “a dinâmica é carismática”, que os dons podem se manifestar, pois o ES está presente. É uma Comunidade de gente renovada, carismática, mas não da RCC.

Hercília, ao que senti, manifesta certa “mágoa”, enquanto pessoa que esteve no início da RCC, porque afirma que hoje se confunde renovação com movimento, com instituição (eu diria, revela decepção pela burocratização do carisma). Renovação é identificado, por ela, com o sopro do Espírito Santo nas pessoas, na Igreja, sem que se precise, para isto, colocar rótulos. Segundo Hercília, há sempre dificuldade em lidar com novidades, como a primavera da Igreja prenunciada pelo Concílio Vaticano II e que, segundo ela se deu por meio dos Grupos de Oração Carismática. Lamenta-se que, desde então, se tenha que encaixar as novidades em estruturas. Ao que parece, Hercília, decepcionada com a formalização institucional do movimento carismático, e talvez e, quem sabe, muito provavelmente, em algum litígio interno no âmbito carismático, já que a RCC, na sua pluralidade de formas, gera tensões e cisões, decide, ela própria, constituir um novo grupo, mais radical (pois com vida comunitária) que estaria mais em acordo com o sopro do ES que não se deve aprisionar. Grupo que, inevitavelmente, também seria e é institucional e de estruturas.

Notei que quando Hercília falava da questão CCB em suas possíveis conexões com a RCC, o tom se tornava mais apaixonado, tenso e intenso. Seu esforço por explicar que a renovação é um sopro do ES, e que não pode ser confundido com sua institucionalização, enfim, seu, ainda que educado e sutil esforço em, digamos, “desqualificar” a RCC enquanto identificada em suas estruturas, revelava um certo ranço, talvez de conflitos antigos na

RCC, uma mágoa contida e uma nova afirmação do que era renovação, identificando sua liberdade, é claro, com os traços da CCB.

11. Ecumenismo externo, intolerância interna? O perigo vem da família

Como também acontece entre membros da RCC, Hercília critica a religiosidade popular, taxando-a de “ignorante”, em que as pessoas não se aprofundam nos conteúdos e vivências da fé, mas ficam como crianças na fé. Contudo, um pouco desta “infantilização” e “ignorância” que Hercília atribui à religiosidade popular – e a CCB quer ser justamente lugar para conhecimento, auto-conhecimento e libertação -, ela também atribui à RCC, ao menos a hodierna. Conforme ela, há muito “samba” na RCC, mesmo a institucional. Com “samba”⁴ quer se referir a um relaxamento doutrinal e uma ênfase por demais emocional que o movimento estaria tendo. Esta crítica estende-se – em consonância com certas ramificações da RCC de Portugal – à Rede Canção Nova (CN, adiante). Hercília afirma que, de certo modo, a CN banaliza a fé, e é preciso justamente aprofundar a fé, algo que a citada Rede não estaria a fazer. Sendo a CN uma Comunidade de origem brasileira, é interessante verificar uma das justificativas alegadas por Hercília para que a CCB fosse ao Brasil. Diz que “fomos para o Brasil para aprofundar a adoração ao santíssimo sacramento, pois pessoas lá estão muito ligadas à adoração que a CN faz, só por TV, e não na prática”.

Percebe-se, mais uma vez, um conflito pelo território simbólico das práticas de fé (BOURDIEU, 1978) e da auto-afirmação do Grupo no contraste com seus congêneres, principalmente os mais conhecidos, estruturados e institucionalizados. A RCC, por sua vez, que em antanho expressaria a “primavera” da Igreja, teria sofrido em perda de qualidade, em banalização, e já não seria uma referência confiável. E assim surgem os novos movimentos religiosos de caráter profético-carismáticos, ou seja, na percepção de uma pessoa ou grupo de que o que era já não é mais, na esteira da reforma, do resgate de uma

4- Note o termo, que se refere ao estilo de música do Brasil pejorativamente identificado, muitas vezes, com bagunça. O Brasil, para o bem ou para o mal, é referência em Portugal.

identidade perdida. Daí ser preciso, ainda que sutilmente, acusar os pares para justificar uma existência destacada e que se quer mais verossímil. Afinal, “toda identidade que o grupo busca atribuir a si próprio é construída em oposição a outro” (CALDEIRA, 2004, p. 108).

O fato é que esta negação das raízes acomete os movimentos que, se tornando independentes da estrutura oficial da RCC, procuram resguardar sua auto-identidade numa auto-afirmação que necessita de romper, ainda que amistosamente ou ao nível do discurso, o cordão umbilical que não dá liberdade, como nos grupo carismático gaúcho analisado por Steil (2004). É necessário dizer que se ultrapassou uma etapa. A RCC é, em sua estrutura, um movimento eclesial bastante leigo, ou seja, forjado e fomentado por leigos, e ligado a Grupos de Oração em paróquias. Esta é a RCC clássica. Quando, porém, um grupo de pessoas oriundas da RCC dão um passo além, ou seja, formam uma Comunidade de Vida, ou um Grupo paraeclesial, se assim podemos denominar, entende-se que aquele Grupo superou um certo nível de experiência (paroquial, leigo, tutelado) e que adquiriu um *plus* que os que ficam para trás nos Grupos de Oração ou congêneres não alcançaram. É, portanto, uma mudança de *status* eclesial, espiritual, segundo a auto-percepção dos Grupos novos. É preciso se afirmar, construir identidade, num contraste com o que já não é mais, com o passado. A construção da identidade dos novos Grupos se faz na referência negativa às origens. Fomos, mas agora somos outra coisa. E certamente melhor...

Mas, é claro, não é possível negar o sangue da RCC a correr nas veias destes Grupos. Daí se forjar uma nova maneira de entender a questão carismática. Desvincular o ES da RCC e fazer de sua atuação algo mais extenso, menos institucionalmente RCC. É preciso frisar que fenômenos carismáticos é uma dimensão que não está ligada a um grupo específico que reivindica um nome próprio a destacar internamente este fenômeno. Pode ser que Hercília também houvesse tido algum momento de discordância e tensão com a RCC no passado, gerando separação tão categórica. Mas me parece mais plausível explicar este desvinculamento taxativo pelo viés da necessária auto-afirmação de um Grupo novo a se estruturar, como o adolescente que já não respeita *in toto* seus pais e se envergonha

deles frente aos colegas na saída do colégio. Não deixa de ser filho, e não nega a filiação. Mas quer seus pais ausentes de suas festinhas e rodas de amigos.

Importante observar que nas revistas da CCB praticamente não existem referências à RCC em Portugal, a seus eventos, ou à TV Canção Nova. Tendo afinidades, ao menos afetivas, com a RCC, não seria demais um ou outro anúncio da RCC na revista. Afinal, não seria, também, para a promoção do Reino de Deus? Porém, há uma ausência, um calar gritado sobre a RCC. Mas, interessante, quando se sai de Portugal, a RCC tem vez. Na revista nº 106 descobri uma reportagem sobre a RCC em... Timor-Leste. E isto se explica porque um frei da CCB, Gaspar, recém-chegado a Portugal para sua formação na Comunidade, era adepto da RCC em Timor-Leste, gerando, assim, a entrevista e as informações. Também Frei António informava que, nos Festivais de Verão, sempre convidam um sacerdote com dons do ES. Eu lhe mostrei a lista que eu tinha dos últimos convidados para pregarem nestes festivais, sendo que nenhum deles era português. Ao que o frei retorquiu ser difícil encontrar padres portugueses com os dons do ES necessários àquelas ocasiões, sendo convidados, portanto, padres da Irlanda, Inglaterra, Espanha. Mas será que não há padres da RCC em Portugal que não tenham os “dons”? Ou será mais uma forma de desvincular a CCB da RCC em Portugal, evitando toda ingerência ou possível controle, e legitimando o Grupo como internacional e para além do “caseiro”, com a vinda de padres do exterior?

12. CCB e Igreja Católica: tão dentro como fora?

Aliado à crítica de certos modelos de Igreja está o esforço de Hercília em fazer seu Grupo simpático aos olhos da hierarquia católica. Hercília participa dos congressos internacionais das novas comunidades eclesiais e tenta ter intimidade com clero e episcopado. Conforme ela, “sempre tivemos o apoio do arcebispo Dom Eurico, que disse, ‘vamos caminhar, vamos avançar’”. “No princípio”, confessa, “houve suspeita normal sobre a CCB, novo, mas a medida que vão conhecendo vão gostando”. Enfim, diz ter “simpatias de muitos padres, não sei se antipatias de outros. Dos senhores bispos, maravilhosos, não temos tido problema nenhum”. Mas parece que a prática não é tão bela

como o discurso oficial que, ao contrário de outros grupos que enfatizam perseguição e incompreensão, como a IURD em Portugal (MAFRA, 2002), Hercília prefere a via da afirmação positiva para valorizar o Grupo, ainda que haja controvérsias.

A questão é que a CCB é vista com reservas pela hierarquia eclesiástica. Não que não haja padres e, possivelmente bispos, simpáticos ao Grupo. Mas a opinião que vem da Arquidiocese de Braga parece não conferir com o otimismo de Hercília. Estive conversando com o Pe. Dário Pedroso, jesuíta responsável pelos institutos de vida religiosa na Arquidiocese de Braga. O Padre foi enfático em destacar que o Grupo não usufrui das melhores simpatias episcopais. Disse que Dom Eurico, ex-arcebispo de Braga, deixava as “coisas correrem”, não se importava muito, mas já na época sua relação era apenas formal com o Grupo, ainda que aprovando seus regimentos internos. Contudo, revela que o atual arcebispo “não tolera” o movimento, e o próprio Padre Dário, como responsável arquidiocesano pelo movimento, também parece partilhar da mesma opinião de seu superior. Conforme afirma, falta clareza estrutural e de objetivos e metodologias ao Grupo. Ainda anota que é um Grupo de pessoas sem preparo, muitos “ignorantes” e quem não tem condições de “aconselhar, mas eles mesmos precisam de aconselhamento”. Enfim, faltaria “consistência” à CCB. Além do que o padre relata que, apesar das negativas de Hercília, a CCB é identificada, pela hierarquia eclesiástica como “mais um grupo da RCC”.

É bastante importante este contraste entre os discursos. A questão da antipatia hierárquica parece estar no fato de certo independentismo do Grupo e em seu estilo carismático, pouco afeito na Arquidiocese de Braga. Primeiro, há de se notar o fato de leigos, sem formação maior, instituírem-se como aconselhadores para libertar pessoas doentes psíquico-espiritualmente. Tradicionalmente, o aconselhamento espiritual ou de confessorário é reservado ao clero, ou a pessoas especificamente preparadas e ligadas ao clero. Esta autonomia da CCB em congregar pessoas e fazê-las, não pelo estudo formal necessariamente, mas pelo carisma e força do ES aconselhadoras, dá-lhes um poder que, de certa forma, foge ao controle e autoridade supervisonal clerical. Não deixa de ser uma concorrência, interpretada, ainda, como de má qualidade e até degeneradora da imagem correta da Igreja. E é isto que também está em jogo: a imagem da Igreja, o jogo de

definições e controle desta imagem e de seus símbolos. A CCB é uma iniciativa leiga que pouco deve às estruturas formais da Igreja. Vem de uma leiga consagrada que migra da RCC para uma forma de movimento carismático de Comunidade de Vida e Aliança. É, para efeitos de análise mais sociológica, como uma Igreja paralela e pouco controlada, ainda que, claro, dentro e obediente à *mater et magistra*.

Um importante estandarte deste conflito de imagens da Igreja, do que se pode ou não, do poder de definições, é a questão do hábito. Havia três estudantes de Teologia da CCB (dois homens e uma mulher) que frequentam o curso teológico da Universidade Católica de Braga, ligado à Arquidiocese, em 2007. Os três iam de hábito às aulas. Segundo o Pe. Dário, o que mais “irrita” o bispo, o que ele não consegue entender, é porque aqueles irmãos têm que ir às aulas de hábito. Aliás, ao que parece, a cisma episcopal com o hábito parece não se reservar à questão de seu uso nas aulas, mas à questão mesma da CCB adotar vestes de hábito, de corte monástico. Interessante é que eu mesmo pude observar, indo à biblioteca da Universidade Católica, onde funciona o curso de Teologia, que irmãs de outras congregações vão ao curso de hábito, e alguns seminaristas usam camisa clerical. Por que uns podem e outros não? A questão, portanto, não parece residir no hábito em si, mas no significado do mesmo: apontaria, o hábito da CCB, para pessoas ligadas a um Grupo de pouca credibilidade na Igreja (ao menos a bracarense) e que, por ser de pouca credibilidade, sinaliza uma imagem de Igreja que não quer ser a oficial. Que freiras de congregações religiosas antigas ou de pleno reconhecimento e tradição eclesiástica usem hábitos, não há problema. Ou mesmo franciscanos que fossem ao curso de hábito não teriam a crítica episcopal. Afinal, seriam membros de uma Igreja, em suas instituições religiosas, que se mostra oficial e sob a mitra e o báculo. A questão do hábito da CCB é a questão da legitimidade da mesma diante da Igreja. Um instituto interpretado como confuso, sem metas e formação clara, e com práticas carismáticas e concorrenciais ao clero, sem preparação a isto, não poderia ter uma visibilidade tão significativa, como a que um hábito produz, ainda mais no próprio coração da Arquidiocese, em seu curso de Teologia. A luta dos símbolos e do poder que eles criam, das mentalidades que formam e dos caminhos a que levam.

13. Ser carismático sem o sê-lo, eis a questão...

Enfim, é visível, entre membros e simpatizantes, que quase todos chegam à CCB ou via RCC ou atraídos pelo estilo carismático que a Comunidade possui. Estive um dia na casa de Telhado, partilhando o dia com a comunidade. Há somente uma oração em que todos da comunidade se reúnem para o louvor em conjunto. É a oração das seis horas. Neste momento de oração, ladeado de louvores e adoração ao santíssimo sacramento, manifesta-se o dom de línguas em alguns, e mesmo a profecia. E, em uma das reuniões de sábado, abertas ao público (que será detalhada adiante) houve um momento em que mais da metade da audiência ali presente orava em línguas.

Por causa dos afazeres diferenciados dos irmãos, que incluem trabalhos externos, inclusive, só é reservado um momento, no mínimo, para o encontro de todos em oração. Contudo, a CCB ainda conserva outro tipo de união fraterna de oração, que é a de todos os dias, ao meio-dia, em que cada irmão pára o que está fazendo para orar pelos outros, recitando o *Angelus*. Também o almoço nem sempre pode ser partilhado pela comunidade como um todo, dado que alguns estão em afazeres externos. Assim que o sábado, dia que, pelo idealismo judeu-cristão, parece ser o dia chave da casa, é o dia reservado para o almoço comunitário.

14. De atendido a nativo, formação contínua sob o controle do líder

Geralmente as congregações religiosas surgem na Igreja com algum apelo social, a atender alguma demanda social. O apelo social na CCB tem relação com os “doentes psíquico-espirituais”. Porém, alguns que chegam com doenças “psíquico-espirituais” e são aconselhados ou libertados na CCB se tornam, posteriormente, membros do instituto. Como o Frei António, hoje um dos líderes do Grupo. A CCB vai, de certa forma, ao encontro daqueles que, numa sociedade europeia, como Portugal, lhe parecem os mais necessitados de ajuda: os “doentes psíquico-espirituais”. Não que não haja na Europa, e particularmente em Portugal, pessoas sem abrigo, em situação de rua, ou com graves privações financeiras, ou seja, pessoas pobres materialmente, e mesmo miseráveis. Porém, é tema comum que um

dos principais problemas desta sociedade é o abandono e a solidão, seja de idosos ou não. Neste ponto a CCB também assume este discurso e identificação, de que os pobres a acolher são aqueles que sofrem, de alguma forma, do que chamam de doenças psíquico-espirituais, manifestadas em solidão, depressão, melancolia, entre outras manifestações psicológicas, que são também espiritualizadas na CCB.

Como já dissertamos, existem passos para se tornar um consagrado na CCB, como postulante e noviciado, ainda que esta formação não tenha sido muito clarificada quanto à sua pedagogia e metodologias e estudos formativos específicos. E isto parece natural a um movimento que se movimenta na espontaneidade do ES, que parece gostar do mínimo de estruturas possíveis. De qualquer forma pode-se afirmar que há para o neófito, no início, um tempo de experiência informal e, depois, um ou dois anos de estágio comunitário. Após um postulante que varia em seu tempo, mas que formalmente fica “em torno de dois anos” e, finalmente o noviciado de um ano para os votos. É importante observar que o postulante não tem tempo definido, embora presumido. Pode ser de “muitos anos”, ou não. Evidencia que, quanto à maturidade ou competência para o noviciado, a decisão passa por Hercília e seus líderes mais próximos (Conselho Geral), a quem cabe o discernimento. Ela mesma afirma que o tempo depende do que “se percebe [do candidato] como dinamismo de fé, adesão a Jesus Cristo”. E quem decide sobre a maturidade deste dinamismo e adesão? Ou o que é ou não adesão a Jesus? Esta forma mais aberta e menos regrada institucionalmente de proceder o caminho da formação mostra o quanto a CCB ainda é dependente pessoalmente de Hercília. Com todos os membros da CCB que conversei, sempre perguntava pela formação, e a resposta era sempre vaga e pouco objetiva, discorrendo sobre um tempo de convívio, algo de postulando, mas sem especificações ao certo sobre tempos, formas de formação, formadores, etc. Aliás, como também é vaga a história das origens da CCB, fruto do que o ES iria fazendo, sem uma racionalização mais precisa de datas e eventos.

15. Formação, missão, idealismo e desafios da CCB

Escuta ao telefone, ou pessoalmente, é a tarefa mais diária a que se propõe a rotina e carisma da CCB. Perguntei a alguns irmãos sobre se recebem muitas ligações para

aconselhamento, ou se muitos os procuram. Respostas vagas tive. Sim e não. Às vezes. Etc. A impressão que se tem é que este carisma central na CCB fica mais num plano do desejo, da vontade que seja assim, pois não parece que tal carisma, a que se propõe, tenha vazão em demanda que a eles cheguem. Estive numa quarta-feira, entre 10h00 e 14h00, na barraca de artigos religiosos da CCB que a Comunidade tem na feira de Famalicão. A feira de Famalicão fica num grande parque aberto em que há várias tendas onde se vende de quase tudo: comida, doces, sapatos, roupas, móveis, brinquedos, objetos diversos. Há grande circulação de pessoas pelo lugar. Na barraca estavam dois consagrados que moram em Telhado: um senhor de uns 70 anos, com roupas civis, e uma senhora, timorense, de uns 55 anos, com o hábito. Os dois bastante simples, sem estudos formais mais avançados. Ele um pouco surdo, e ela com um pouco de dificuldade – cognitiva, e não linguística – em entender algumas observações minhas em nossa conversa. Durante as 4 horas em que lá estive, apenas algumas poucas pessoas paravam para olhar os produtos. Uma comprou um folheto. Mas ninguém parou para conversar, ser evangelizado ou aconselhado. Ora, conforme Frei António, a barraca na feira é um instrumento de evangelização, pois a evangelização tem de ir aonde o povo está. Contudo, a evangelização, também tão cara ao carisma da CCB, resume-se, na feira, a expor os artigos da CCB (revista, livros, terços, camisetas) para compra, assim como os demais comerciantes da feira expõem os seus artigos de “evangelização”.

Hercília se ressentida de não ter médicos, enfermeiras, psicólogos membros consagrados na CCB, e nem estrutura maior, pois reconhece que o ideal seria que algumas pessoas fossem acompanhadas mais regularmente, mesmo internadas. O projeto de aconselhamento e libertação e cura de pessoas com problemas psíquico-espirituais parece ser algo que fica no horizonte do ideal, do projeto ideal, pois não parece haver nem demanda e nem pessoal preparado. Quando aparece algum caso mais complicado encaminha-se a pessoa - quando é problema de droga, ou álcool, ou outro mais específico - aos órgãos oficiais da sociedade. Então, quando se realiza, de fato, o carisma da cura psíquico-espiritual de pessoas “doentes”? Ao que parece, nas reuniões de louvor e adoração, em Telhado, em Fátima e nas casas nos outros países. Nas reuniões carismáticas

do Grupo, carismática à sua maneira, claro, é que as curas interiores podem ser testemunhadas, como num caso que reatarei adiante. Conversando com algumas pessoas que afluíram à uma reunião de sábado em Telhado, contavam que saíam dali leves, aliviadas, bem-dispostas, alegres, e outros adjetivos benfazejos. Portanto, a referência mais forte ao carisma do aconselhamento e cura se circunscreve aos atos religiosos em si, e ao que eles produzem subjetivamente nas pessoas.

16. À prática: um relato do ritual de cura “psíquico-espiritual”

Uma atividade regular importante da CCB, como já dito, é realizada aos terceiros sábados de cada mês, das 9h30 às 13h00, na Casa mãe, em Telhado. Chama-se “Dia de Oração de Louvor, Cura e Libertação”. Pude estar presente a 2 destes encontros (novembro e dezembro de 2007).

O ambiente onde se dá os Encontros de Cura e Libertação, na casa de Telhado, é um salão grande e retangular no andar de cima da casa. Ali tem-se um altar, um ambão, cruz, alguns dizeres recortados e colocados nas paredes (“Jesus é o Salvador”; “Louvores a Deus”), e várias cadeiras para os participantes. Nas duas vezes em que estive presente o número de presentes regulava entre 35 e 50 pessoas, em média. Poucos jovens. A maioria pessoas de meia-idade ou pessoas mais velhas. À frente da das pessoas reunidas, ao lado do altar, ficam os membros da CCB, geralmente uns 6. O líder do local, Frei António, uma senhora que anima e dirige o evento, e mais três ou quatro irmãos (jovens) de hábito, sendo que um toca violão e outro toca teclado. A irmã Hercília, fundadora da CCB, não esteve em nenhum encontro. A reunião inicia com uma oração e, após, com muita música, algumas de hinários da Igreja, outras (a maioria) de produção da própria comunidade. Estas querem ter um ritmo, linguagem e estilo que se aproxime da música religiosa israelita. Embora eu não conheça a fundo a musicalidade religiosa israelita, tive a impressão que há uma aproximação rítmica, embora guardadas proporções. As letras, cristãs, citam Israel, patriarcas, e outros temas do Antigo Testamento, mas sempre cristianizados. As músicas são acompanhadas de gestos, como na RCC. Um irmão (brasileiro) vai, na frente, ensinando os gestos com os braços e mãos. A irmã animadora se desdobra em tentar animar a assembléia

a todo momento. Com um sorriso permanente nos lábios, brada palavras de incentivo como "Alegria, estamos diante do Senhor", "Jesus está aqui, vivo, louva, ora!", "Deus te ama, dê o seu melhor para ele, mais alegria". Pede-se também para dançar as músicas (pois é entendido que nas liturgias judaicas as músicas são dançadas). Porém a dança da assembléia (e dos membros) não passa de leves movimentos giratórios no próprio lugar em que estão, lembrando, com suas mãos para cima e bater de palmas, o Vira português. A assembléia parece não corresponder a todo entusiasmo que os membros, da frente, esforçam-se por tentar passar. Porém respondem razoavelmente de forma satisfatória. As pessoas que lá estão, quase todas, são frequentadoras regulares do evento, não havendo muita renovação. A classe social que parece imperar é a média ou média baixa.

Após muita música e muita tentativa de alegria e sorrisos quase que obrigatórios, na tentativa de se criar um clima de antecâmara do céu, lê-se e ora-se as 18 bênçãos do povo judeu, cristianizadas. Cada bênção é dirigida por um membro da CCB, a que, na parte em negrito do livro, a assembléia responde. Esta forma organizada de se orar as **bênçãos** termina a partir da 14ª, em que até a 18ª todos lêem ao mesmo tempo os textos das bênçãos, de forma rápida e numa absoluta falta de sincronia, terminando com orações pessoais e simultâneas das pessoas e, após, período de silêncio. Após o período silencioso, Frei António vai ao púlpito para pregar. Antes, porém, costuma já estar meia hora ajoelhado diante do altar. Na verdade Frei António parece estar, em todo evento, acima do que acontece. Não canta e celebra como os outros, fica num canto e manifesta um ar de serenidade que, ao meu ver, esconde certas patologias que, porém, sendo esta uma investigação etnográfica, e não psiquiátrica, não sinto-me autorizado a teorizar. Frei António, então, após seu momento de introspecção, acompanhado algumas vezes por falas em que dá a entender que Jesus está a falar por ele ("Meus filhos, eu vos amo e saúdo, tenho graças para vós..."etc), toma a palavra do evangelho do dia para ler. Enfim, é de se notar que o citado irmão, como líder daquela casa, chama para si, através destes atos simbólicos, uma autoridade que o distinga e legitime em sua função de ensino. Após ler a Bíblia, segue a pregação (o dito irmão não é padre), muito monótona, extremamente cadenciada, sem grandes exegeses e longa. A assembléia fica um tanto dispersa nesta hora,

porém em silêncio. Após a pregação, entra solenemente no salão a custódia com a hóstia consagrada, que é recebida de joelhos por todos e às vezes com aplausos. Diante da hóstia seguem-se orações mais música de louvor. As orações são por cura interior e exterior, de libertação, que são feitas pelos membros. Neste momento há algumas lágrimas e a emoção parece ser maior, chegando um momento em que muitas pessoas falam em línguas. Finalmente cada pessoa é convidada a ir ao altar e colocar as mãos numa pequena vasilha com água benta que lá há, benta através da oração naquele lugar, diante do santíssimo. Com a mão molhada cada qual faz seu gesto particular, benzendo-se, colocando a mão no coração, na cabeça, etc. Mais alguns cantos e se encerra a celebração.

A sistemática do evento não difere muito nos encontros da casa da CCB em Fátima, como soube. Contudo, lá há mais lugar para palestras com padres ligados à RCC, geralmente vindos de fora de Portugal, e também ocorrem mais manifestações de libertação. Quanto a tais manifestações, embora eu não tivesse tido a oportunidade de ir a um destes encontros em Fátima (devido ao calendário deles), pude observar o fenômeno num dos sábados em que fui a Telhado. Logo após a oração das dezoito bênçãos (as últimas em que todos rezam juntos, num frenesi de vozes descompassadas), uma moça de cerca de 25 anos (uma das mais jovens no ambiente) simplesmente desabou no chão, num semi-desmaio. Como as cadeiras e fileiras são próximas, apertadas, ela ficou deitada, assim como caiu, de barriga para cima, aos pés das pessoas que estavam ao seu lado. Porém, este fato não incomodou os presentes, parecendo natural e corriqueiro. Ninguém acudiu a moça e mesmo não ficaram a observá-la, continuando o culto normalmente. A moça, parecendo inconsciente, tinha a respiração ofegante. E assim ficou, no chão, por cerca de 40 minutos. Durante a pregação de Frei António, começou ela a ter espasmos, como quem estava engasgada ou quisesse vomitar. Mesmo assim a pregação continuou. Após isto, os espasmos de vômito (ao que pareciam) se tornaram mais agudos e ela começou a se contrair. Alguns da casa trouxeram, então, um saco para vômito e depois um latão para vômito. Mas a moça no mesmo lugar. A impressão que dava a um não nativo é que os membros estavam mais preocupados com a higiene do tapete do que com a saúde da moça. A pregação, em sua lenta cantilena, continuava, e o Frei António apenas advertiu que

aquele era um ambiente de serenidade onde o Senhor estava. Porém, quando a moça começou a dar pinotes e urrar, abriu-se uma roda em torno dela, homens a seguraram, o irmão chegou perto e quase todos na sala, virados para ela, começaram a orar em línguas, com seus braços estendidos sobre ela. Após alguns minutos a menina acalmou, recobrou a consciência e sentou-se novamente, abatida e cansada. E o evento continuou, com a entrada triunfal da custódia com a hóstia, tudo seguindo normalmente.

A observação da prática cúllica da CCB revela que a mesma adota procedimentos usuais na RCC, adaptando-os conforme o estilo do instituto. A ênfase na alegria, no louvor, em que todos devem estar alegres e louvando, é a mesma dos grupos de oração da RCC. A profecia está presente na boca do líder, através do próprio falar de Jesus através dele. A ênfase na cura e adoração à hóstia também estão presentes. E o transe provocado ou não pela comunidade em efervescência emocional-orgiástica por vezes acontece, como no caso desta moça. Não consegui falar com ela, mas perguntei, depois, a um irmão, se ela sempre vinha e se isto sempre ocorria. Sim, ela era assídua e tais manifestações ocorrem vezes por outra com algumas pessoas. Segundo o irmão, são pessoas com problemas psíquico-espírituais que são manifestados ali, devido ao clima de adoração e oração, e que são libertas ali. E o modo a lidar com o caso, praticamente o ignorando até que as convulsões se tornassem impossíveis de se ignorar, mostrou justamente a naturalização que este tipo de racionalização do caso apresenta. Para os circundantes e membros, aquela era uma manifestação natural, fruto do poder de Deus a se manifestar, e, portanto, não haveria motivo de pânico ou pronta ajuda, pois no momento certo o "mal" da pessoa se manifestaria e ela seria libertada. Portanto, observa-se uma internalização e naturalização de fenômenos extáticos, de transe ou de crises agudas.

Com seu carisma de auxílio a pessoas transtornadas psíquico-espíritualmente, a CCB parece reivindicar, para tal exercício de carisma de aconselhamento, uma idealização de conceitos como paz e serenidade. É preciso não se alterar, tudo está sob controle. As faces dos membros, diante do caso descrito, procuravam não mostrar alterações de humor. Há, portanto, uma idealização do que seja paz e serenidade, e um esforço por agir

conforme esta idealização, no sentido de legitimar um carisma de aconselhamento que a comunidade reivindica.

Outra característica na narrativa pode ser percebida no conceito que se dá aos problemas das pessoas que precisam ser aconselhadas ou curadas. Diz-se de problemas "psíquico-espirituais". Por que não apenas "espirituais"? O ajuntamento do termo "psíquico" parece querer denotar uma certa aura de cientificidade ao trabalho do grupo e à concepção das questões espirituais. Seria uma forma de legitimar um aconselhamento que quer estar para além de um marco puramente religioso tradicional. Segundo Hercília, há psicólogos que dão palestras para a CCB. A busca por legitimação da prática do aconselhamento passa pela narrativa e conceitos da ciência, no intuito de dar um aporte que visibilize o grupo como sério e dialógico nas perspectivas entre religião e ciência. Legitimando assim que os leigos do Grupo cumpram uma função que no catolicismo tradicional é aos padres reservada, o aconselhar. O libertar psíquico-espiritual poderia ter afinidades eletivas e ser um sucedâneo da absolvição que o padre dá, libertando dos pecados. Porém, a questão permanece, sem dúvida, mais espiritual que psíquica, pois o psíquico é sujeitado ao espiritual, ou seja, as questões espirituais é que agem sobre o psíquico da pessoa e, por fim, toda libertação é espiritual, de algum "mal", no prudente falar eufemístico dos membros.

17. Ainda sobre a missão de cura e evangelização

Frei António relatou-me um exemplo prático de evangelização do Grupo, para além dos já referidos. Disse que no verão, alguns irmãos costumam ir às praias próximas de Telhado e Braga (Póvoa de Varzim e Esposende) para evangelizar. Relata que a praia é um lugar privilegiado no verão para tal tarefa, pois lá as pessoas estão de férias, relaxadas, sem as preocupações do dia-a-dia, e que, portanto, se tornam mais abertas a ouvir o evangelho. Porém também na praia, nas férias, é que são cometidos os "excessos" e que, portanto, é onde as pessoas mais "precisam" ser evangelizadas. Conta que certa vez, na praia de Póvoa de Varzim, no verão, um grupo de cerca de 15 irmãos da CCB fez uma procissão pelas ruas

do balneário. Aquilo chamou a atenção de muitos. Na procissão, é claro, nada que lembrasse às tradicionais procissões católicas, mas havia muito canto, louvor e alegria ao som do violão, dança, em que os irmãos chamavam as pessoas a aderirem ao percurso. Chegando a uma praça, fizeram uma roda e chamaram as pessoas a assistirem um teatro encenado por alguns irmãos, cujo tema, é claro, era “o filho pródigo”. Após a encenação os irmãos se dirigiram às pessoas – que lá estavam ou ainda ficaram – para abordá-las com folhetos e mensagens.

Números não foram quantificados, ou seja, se muitas pessoas seguiram a procissão e viram o teatro. Apenas revelou-se que “pessoas vinham” e “muitas assistiram” o teatro. Perguntei qual foi o resultado da iniciativa. Informou-me o frei que um casal, já idoso, muito se interessou pela CCB e que depois se tornaram sócios, assinando a revista e até fizeram um Retiro promovido pela CCB em Fátima.

Como se percebe, o método de evangelização *in loco* da CCB funde elementos tradicionais – ainda que sob nova roupagem – e imagéticos novos, como teatro em bibliodrama. Esta fusão de tradição (procissão), louvor com “muita alegria” e teatro e abordagem coloca a CCB na esteira da Igreja tradicional, da RCC e do proselitismo de inspiração evangélico-revivalista. Teatros e manifestações lúdicas para comunicar a mensagem cristã fazem parte do estilo carismático – embora não só – de levar as pessoas a se identificarem através da arte-emoção com uma mensagem, de se sentirem atraídas por ela. Particularmente se o tema é o “filho pródigo”, o que já manifesta a mentalidade evangelizadora do Grupo, isto é, de que a maior parte das pessoas que estão a gastar seus bens com divertimentos de férias na praia podem ser, potencialmente, o filho devasso e perdulário da história bíblica. Já o fato de abordar as pessoas após a encenação, em corpo-a-corpo, aponta para uma prática de re-evangelização típica da RCC e que muito deve a certos protestantismos. Fazer prosélitos é um alvo do que se conforma como evangelização.

18. Também o pesquisador precisa de evangelização, ou, “ai do intelecto...”

Dentro deste espectro evangelizador e curador não falta, à CCB, um tema muito em comum na Toca: o perigo da, digamos, “inteligência autônoma” para a vida da alma.

Quanto estive conhecendo pela primeira vez a casa da CCB em Telhado, o Frei António mostrou-me a capela interna. Ao entrar, ajoelhou-se e ficou por longo período em silêncio diante do santíssimo exposto. De repente começou a orar em voz alta, lembrando a Deus as “pessoas afastadas”, as que “só usam a razão e não abrem coração ao ES”. Após novo silêncio, rezou por mim, para que não só a inteligência e razão me dirigissem, mas também a sabedoria de Deus. E orou “quem sabe ele busca um sentido, algo que a razão e o estudo não podem dar”.

Frei António, um dos líderes da CCB, ele mesmo “curado” de problemas psíquico-espirituais no Grupo, tem cerca de 50 anos e, conforme uma irmã contou-me, “é estudado”, pois “quase conclui a faculdade de engenharia no Porto”, tendo que se afastar dos estudos por questões médicas. O que destaco, porém, é o discurso que se afina ao da Toca referente aos males de uma inteligência ou estudos autônomos. Há desconfiança das pessoas “letradas”, dado que, geralmente, muitas destas questionam pela razão certas questões da religião e da Igreja. A razão autônoma, não dominada pelo ES, é uma ameaça corrosiva. Estando ele diante de um investigador acadêmico, não pôde deixar de, devotamente, dar seu recado a mim. Era talvez um aviso, um presságio, de que minha razão, talvez pouca atenta ao sopro do ES, pudesse estar escrevendo estas linhas um tanto críticas ou autônomas. Mas também é de interesse apontar para a concepção que se fez, e se faz na CCB, de pessoas regidas por razão autônoma, se fica bem assim nomear. A falta de sentido de vida. A razão é uma forma de buscar sentido de vida, mas ela, sozinha, não chegaria ao objetivo (COSTA, 2007). “Estudo e razão” não podem por si conferir sentido de vida. E é com isto que a CCB se ocupa, se importa e trabalha: em curar as pessoas da falta de sentido de vida, desta, talvez, maior doença psíquico-espiritual a escravizar as pessoas e não a deixarem vislumbrar o verdadeiro caminho. Minha presença era interpretada como um possível caso de quem, espiando academicamente uma comunidade religiosa, estivesse, no fundo e sem saber, a buscar raízes e sentidos para mim. Um proselitismo devocional e psicológico? Uma concepção do ser humano como doente ou desequilibrado pela falta de sentido. Encontrar e ter Jesus faz todo sentido, cura e liberta.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi visualizar um pouco da gênese, estrutura e práticas, assim como conflitos e peculiaridades, de um novo movimento católico de vida e aliança em Portugal. Através do exposto foi possível perceber algumas características salientes de um novo movimento católico luso: a dependência de inspiração referente à RCC e, ao mesmo tempo, a negação e recusa de relações com ela; o discursismo de fidelidade à Igreja Católica e, ao mesmo tempo, a desconfiança hierárquica da Igreja em relação ao Grupo; o discurso cientificizante das práticas espirituais, e a espiritualização de fenômenos psíquicos, ao mesmo tempo em que se tem uma relação ambígua e desconfiada com a ciência acadêmica, com os estudos; o uso de símbolos que remontam ao medievo (criação de um hábito religioso), ao mesmo tempo em que se sustenta o discurso de inserção evangelizadora junto à modernidade; a despreocupação com números e relatos formais, e, relacionado a isto, a dependência direta do líder carismático fundador do movimento. Estes e outros paradoxos e características têm acompanhado boa parte das novas comunidades de vida e aliança católicas pelo mundo inteiro, e, em relação a Portugal o mesmo se dá, na CCB, fazendo patente que as novas sensibilidades católicas referentes a um gradiente carismático têm muito em comum em vários cantos do mundo, para além das diferenças culturais e distâncias geográficas.

Referências

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma. Comunidade e essência na Nova Era*. Petrópolis : Vozes, 2000.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: trânsito ou indiferenciação? In: TEIXEIRA, Faustino ; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis : Vozes, 2006. p. 123-134.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectiva, 1978.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Domínios diferenciados e reflexos identitários: o pensamento católico “antimoderno” no Brasil. In: *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 1/2004. p. 97-111.

CARRANZA, Brenda. Catolicismo Midiático. In: TEIXEIRA, Faustino ; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil*. Continuidades e rupturas. Petrópolis : Vozes, 2006. p. 69-88.

CARVALHO, José Jorge. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria Clara (org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo : Loyola, 1999. p. 133-160.

COSTA, Joaquim. Sentido da vida, desespero e transcendência. In: *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*. Ano VI, n. 12, Lisboa, 2007. p. 1-22.

COSTA, Joaquim. *Sociologia dos novos movimentos eclesiais: focolares, carismáticos e neocatecumenais em Braga*. Porto : Afrontamento, 2006.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo : Perspectiva, 1987.

GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos. O quadro brasileiro*. São Paulo : Paulinas/ PUC-SP, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo: a configuração da memória. In: *Rever*. São Paulo, n. 2, 2005a. p. 87-107.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis : Vozes, 1999.

MAFRA, Clara. *Na posse da palavra. Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa : Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

MAGALHÃES, Antonio ; PORTELLA, Rodrigo. *Expressões do sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso*. Aparecida : Santuário, 2008.

MIRANDA, Júlia. As linguagens da Renovação. In: *Carisma, sociedade e política. Novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 46-57.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. Campinas : Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, fé, poder*. Campinas : Pontes, 1987.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 38, dez. de 1993. p. 11-39.

STEIL, Carlos Alberto . Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José, Porto Alegre (RS). In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2004. p. 11-36.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. Legitimidade terapêutica no Brasil contemporâneo: as terapias alternativas no âmbito do saber psicológico. In: *Physis*, Dez 2003, vol.13, no.2, p.321-342.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Volume 1. Brasília : UnB, 1991.